

## A VOZ DA RAZÃO 1

Veio até ele de madrugada.

Entrou com muito cuidado, em silêncio, deslizando pelo aposento como um fantasma, uma aparição. O único ruído que acompanhava seus movimentos era o da capa roçando-lhe a pele desnuda. E foi justamente esse tênue e quase inaudível som que despertou o bruxo – ou talvez apenas o tenha emergido do estado de sonolência no qual se embalava monotonamente, como se estivesse submerso em profundezas insondáveis, pairando entre o fundo e a superfície de um mar sereno, cercado por ondulantes algas marinhas.

Não se moveu, nem sequer pestanejou. A jovem se aproximou, despiu a capa e, hesitante, apoiou um joelho dobrado na beira da cama. O homem a observava com os olhos semicerrados, fingindo ainda dormir. Ela se posicionou cuidadosamente sobre seu corpo, aprisionando-o entre as coxas. Apoiada nos braços esticados, acariciou-lhe o rosto com os cabelos, que cheiravam a camomila. Decidida e impaciente, inclinou-se e com o bico dos seios tocou-lhe as pálpebras, as bochechas e a boca. Ele sorriu e, com um gesto lento e delicado, abraçou-a carinhosamente. Ela endireitou o corpo, desviando-se de seus dedos. Radiante e luminosa, ofuscava com seu brilho a enevoada luminosidade matinal. Ele tentou se mover, porém ela, mantendo a pres-

são das mãos, impediu-o de mudar de posição e, com suaves mas decididos movimentos dos quadris, exigiu uma resposta.

E ele respondeu. A jovem parou de fugir de suas mãos e, jogando a cabeça para trás, deixou cair os cabelos. Sua pele era fresca e surpreendentemente lisa. Seus olhos – que ele pôde ver quando ela aproximou o rosto do dele – eram enormes e negros com os de uma ondina. O balanço o fez mergulhar em um mar de camomila agitado e murmurante, envolvendo-o de paz.

## O BRUXO

### I

Anos mais tarde, diziam que aquele homem veio do norte, do Portão dos Cordoeiros. Chegou a pé, conduzindo seu cavalo pelas rédeas. Já era tarde; as barracas dos cordoeiros e seleiros estavam fechadas e a ruazinha, deserta. Fazia calor, mas o homem carregava uma pesada capa preta sobre os ombros. Chamava a atenção.

Parou diante da estalagem O Velho Narakort e ficou por um momento ouvindo o burburinho. Àquela hora, como de costume, o lugar estava cheio.

O desconhecido não entrou. Seguiu adiante e puxou seu cavalo até uma taberna menor, chamada A Raposa. Estava quase vazia; afinal, não tinha boa fama.

O taberneiro ergueu a cabeça de cima de uma barrica de pepinos marinados e mediu o visitante de alto a baixo. Este, ainda com a capa sobre os ombros, permaneceu diante do balcão, imóvel e calado.

– O que vai ser?

– Cerveja – pediu o desconhecido, com voz desagradável.

O taberneiro limpou as mãos no puído avental e encheu uma velha caneca de barro.

O desconhecido não era velho, mas tinha os cabelos quase totalmente brancos. Sob a capa, vestia um surrado gibão de couro, amarrado nos ombros e nas axilas. Quando tirou a capa, todos puderam ver a longa espada de dois gumes presa às costas por um cinturão. Nada havia de extraordinário naquilo, já que em Wyzim quase todos andavam armados, mas ninguém carregava uma espada às costas como se fosse um arco ou uma aljava.

O desconhecido não se sentou à mesa com os poucos fregueses. Permaneceu de pé junto do balcão, encarando o taberneiro com olhos penetrantes. Bebeu um trago da caneca.

– Estou procurando um quarto para passar a noite.

– Não temos vagas – respondeu rudemente o taberneiro, olhando para as empoeiradas botas do recém-chegado. – Procure no Velho Narakort.

– Prefiro aqui.

– Impossível. – O taberneiro finalmente reconheceu o sotaque do desconhecido: era de Rívia.

– Pagarei bem – sussurrou o estranho, como se estivesse inseguro.

Foi então que a confusão teve início. Um magricela bexiguento, que desde o momento em que o desconhecido entrara na taberna o observava soturnamente, levantou-se da mesa e aproximou-se do balcão. Dois de seus companheiros se postaram atrás, a menos de dois passos.

– Não ouviu que não há lugar aqui para tipos como você, seu vagabundo riviano? – rosnou o bexiguento, parando ao lado do desconhecido. – Aqui, em Wyzim, não precisamos de gente de sua laia. Esta é uma cidade decente!

O desconhecido pegou a caneca e se afastou, olhando para o taberneiro. Este, no entanto, evitou seu olhar. Nem lhe passava pela cabeça sair em defesa de um riviano. Afinal, quem gostava de rivianos?

– Todos os rivianos são ladrões – continuou o encrenqueiro, fedendo a cerveja, alho e ódio. – Ouviu o que eu disse, seu bastardo?

– Ele não consegue escutar porque tem merda nos ouvidos – disse um dos que estavam atrás, fazendo o outro soltar uma gargalhada.

– Pague a conta e suma daqui! – gritou o bexiguento.  
Foi só então que o desconhecido olhou para ele.

– Primeiro, vou terminar minha cerveja.

– Pois nós vamos ajudá-lo – sibilou o magricela, que arrancou a caneca da mão do riviano e, agarrando-o pelo braço, enfiou os dedos por trás da tira de couro que atravessava o peito do desconhecido. Um de seus comparsas preparava-se para desferir um soco. O estranho girou sobre os calcanhares, fazendo o bexiguento perder o equilíbrio. A espada sibilou de dentro da bainha e por um breve momento brilhou à luz das lamparinas. O ambiente fervilhou. Alguém gritou. Um dos fregueses se precipitou para fora. Uma cadeira desabou e recipientes de barro estilhaçaram. O taberneiro, com lábios trêmulos, ficou olhando para o horrivelmente destroçado rosto do bexiguento, que, desprendendo aos poucos os dedos da beira do balcão, deslizou para baixo, sumindo como se estivesse se afogando. Os outros dois jaziam no chão, um deles imóvel, o outro se agitando convulsivamente no meio de uma poça escura cada vez maior. Um fino e histérico grito feminino soou no ar, parecendo perfurar os ouvidos. O taberneiro, tremendo feito vara verde, começou a vomitar.

O desconhecido recuou até a parede, em posição de defesa. Atento, segurava a espada com ambas as mãos, agitando a ponta no ar. Ninguém se mexia. Um misto de horror e medo cobria todos os rostos, imobilizava os membros e travava as gargantas.

Três guardas, que decerto faziam a patrulha da rua, adentraram a taberna com grande estrondo. Traziam nas mãos porretes envoltos em tiras de couro, mas diante da visão dos cadáveres, sacaram as espadas. O riviano continuava com as costas apoiadas na parede e, com a mão esquerda, arrancou um punhal do cano de uma das botas.

– Largue isso! – vociferou um dos guardas, com voz trêmula.  
– Largue isso imediatamente, seu bandido, e venha conosco!

Outro guarda afastou com o pé uma mesa que o impedia de atingir o riviano pelo flanco.

– Vá buscar reforços, Treska! – gritou para o terceiro, que estava junto da porta.

– Não vai ser preciso – disse o desconhecido, abaixando a espada. – Irei com vocês por conta própria.

– É lógico que sim, seu cão danado, mas acorrentado! – exclamou o da voz trêmula. – Largue essa espada, senão vou arrebrantar sua cabeça!

O riviano se empertigou. Colocou rapidamente a lâmina da espada sob a axila esquerda e com a mão direita descreveu, apontando para os guardas, um rápido e complicado sinal no ar. Os inúmeros tachões que ornavam os punhos de couro de seu gibão brilharam intensamente.

Os guardas recuaram de imediato, protegendo o rosto com os antebraços. Um dos fregueses da taberna ergueu-se de um pulo, enquanto outro correu para a porta. A mulher soltou outro grito, dessa vez selvagem e assustador.

– Irei por conta própria – repetiu o desconhecido, com voz metálica. – E vocês três irão na frente, conduzindo-me ao estaroste. Não conheço o caminho.

– Sim, senhor – sussurrou o guarda, abaixando a cabeça e encaminhando-se timidamente para a saída.

Os outros dois foram apressados atrás dele. O desconhecido seguiu seus passos, guardando a espada na bainha e o punhal no cano da bota. Ao passar pelas mesas, os poucos comensais que restavam esconderam o rosto na gola do gibão.

## II

Velerad, o estaroste de Wyzim, coçou o queixo, refletindo sobre a situação. Não era supersticioso nem medroso, mas não lhe agradava a perspectiva de ficar sozinho com o estranho de cabelos brancos. Finalmente, tomou uma decisão.

– Saíam – ordenou aos guardas. – Quanto a você, sente-se. Não, não aqui; um pouco mais afastado, se não for incômodo.

O desconhecido sentou-se. Já não portava a espada nem a capa preta.

– Sou todo ouvidos – disse Velerad, brincando com uma pesada maça pousada no tampo da mesa. – Sou Velerad, o estaroste de Wyzim. O que tem a dizer, senhor bandido, antes de ser

despachado para as masmorras? Três mortos e uma tentativa de enfeitamento... Nada mal, nada mal. Aqui, em Wyzim, costumamos empalar os culpados por esse tipo de coisas. Mas como sou um homem justo, pretendo ouvi-lo antes. Portanto, fale.

O riviano abriu a jaqueta e tirou um pergaminho de pele de cabra branca.

– Vocês têm afixado isto nas tabernas e nas encruzilhadas – falou baixinho. – É verdade o que está escrito aqui?

– Ah – murmurou Velerad, olhando para as runas gravadas no pedaço de pele. – Então é disso que se trata. Devia ter adivinhado. Sim, é a mais pura verdade. O pergaminho está assinado por Foltest, rei de Temeria, Ponatar e Mahakam, o que significa que é verdadeiro. Mas uma proclamação é uma proclamação e leis são leis. Meu papel aqui, em Wyzim, é fazer com que as leis sejam cumpridas, e não vou permitir que pessoas sejam assassinadas sem mais nem menos! Deu para entender?

O riviano assentiu com a cabeça, demonstrando que entendeu. Velerad resfolegou furiosamente.

– Você tem a divisa de bruxo? – indagou.

O desconhecido voltou a enfiar a mão na jaqueta, dessa vez retirando um medalhão redondo pendurado numa corrente de prata. Nele estava gravada a cabeça de um lobo com as presas arreganhadas.

– E você tem nome? Pode ser qualquer um. Não estou perguntando por curiosidade, mas para facilitar nossa conversa.

– Meu nome é Geralt.

– Pois que seja Geralt. De Rívia, como deduzo por seu sotaque.

– De Rívia.

– Sabe de uma coisa, Geralt? Não se envolva neste assunto – disse Velerad, batendo com a mão na proclamação. – É um caso bastante sério. Muitos já tentaram. Isso, meu irmãozinho, não é o mesmo que arrebentar a cabeça de um par de patifes.

– Estou ciente disso. É minha profissão, senhor estaroste. Na proclamação está escrito: três mil ducados de recompensa.

– Três mil – confirmou Velerad, de boca cheia. – E mais a mão da princesa, segundo dizem por aí, embora nosso amado Foltest não tenha acrescentado isso à proclamação.

– Não estou interessado na princesa – falou calmamente Geralt, sentado imóvel, com as mãos sobre os joelhos. – O importante é o que está escrito: três mil ducados.

– Ah, que tempos! – suspirou o estaroste. – Que tempos desgraçados, meu senhor! Há apenas vinte anos quem poderia imaginar, mesmo estando embriagado, que pudessem existir tais profissões? Bruxos! Assassinos errantes de basiliscos! Caçadores ambulantes de dragões e demos dos pântanos! Diga-me, Geralt: sua profissão permite beber cerveja?

– Certamente.

Velerad bateu palmas.

– Cerveja! – gritou. – Quanto a você, Geralt, aproxime-se.

A cerveja estava fria e espumosa.

– Vivemos em tempos asquerosos – monologava Velerad, bebendo de sua caneca. – Circulam por aí todos os tipos de imundices. Em Mahakam, nas montanhas, pululam bobolacos. Nas florestas, costumávamos ouvir o uivo dos lobos. E agora? Agora só se veem espectros, bosqueolos, lobisomens e outros seres estranhos. Nos vilarejos, ondinas e carpideiras raptam crianças; já levaram mais de uma centena delas. Doenças das quais nunca se ouviu falar grassam por toda parte. É de arrepiar. E, para completar o quadro, ainda por cima isto! – Empurrou o pergaminho pelo tampo da mesa. – Não é de estranhar, Geralt, que haja tanta demanda por seus serviços.

– E quanto a essa proclamação, senhor estaroste? – Geralt ergueu a cabeça. – O senhor conhece mais detalhes?

Velerad recostou-se na cadeira e entrelaçou as mãos sobre a barriga.

– Detalhes, você indaga? É lógico que conheço; não de primeira mão, mas de fontes seguras.

– É isso mesmo que desejo saber.

– Bem, já que parece irredutível, escute-me.

Velerad tomou mais um gole de cerveja e abaixou a voz.

– Nosso amado Foltest, quando ainda era príncipe, durante o reinado de seu pai, o velho Medell, já nos mostrou do que era capaz, e era capaz de muito. Acreditávamos que aquilo passaria com o tempo, mas pouco depois de sua coroação, logo após a

morte do velho rei, Foltest se superou. Ficamos atônitos. Em poucas palavras: fez um filho na própria irmã, Adda. Ela era mais jovem, andavam sempre juntos, mas ninguém suspeitou de nada... Talvez a rainha... De qualquer modo, lá estavam Adda com uma barriga daquelas e Foltest falando em casamento. Um casamento com a irmã, você se dá conta disso, Geralt? A situação se complicou ainda mais, já que exatamente àquela época Vizimir de Novigrad teve a brilhante ideia de casar sua filha, Dalka, com Foltest, e enviou uma delegação. Tivemos de segurar o rei pelas pernas e pelos braços, porque ele queria xingar e bater nos emissários. Ainda bem que conseguimos, pois, se Vizimir tivesse se ofendido, nos teria arrancado o fígado. Depois, não sem ajuda de Adda, que tinha influência sobre o irmão, conseguimos dissuadi-lo de seu propósito de um casamento imediato. Quando chegou a hora, Adda deu à luz. E agora preste atenção, porque é aí que tudo começa. Não foram muitas pessoas que viram o que nasceu, mas uma das parteiras pulou da janela da torre e morreu, enquanto a outra ficou com a mente afetada e está lelé até hoje. Diante disso, acredito que o recém-nascido não fosse especialmente bonito. Era uma menina, que morreu logo em seguida. Imagino que ninguém teve muita pressa em cortar o cordão umbilical. Adda, por sorte, não sobreviveu ao parto. Depois, meu irmãozinho, Foltest cometeu mais uma estupidez. A recém-nascida deveria ter sido queimada ou, sei lá, enterrada num lugar deserto, e não guardada num sarcófago no subsolo do castelo.

– Tarde demais para se lamentar. – Geralt ergueu a cabeça. – De qualquer modo, vocês deveriam ter chamado um dos Versados.

– Está se referindo àqueles charlatões com gorro pontudo enfeitado de estrelinhas? É lógico que chamamos, mais de dez, porém apenas depois de termos tomado ciência do que jazia naquele sarcófago e saía dele toda noite. Mas não pense que começou a sair logo. Ah, não! Depois do enterro, tivemos sete anos de paz. Até que, numa noite de lua cheia, ouvimos gritos no castelo. Gritos desesperados e muita agitação! Não preciso entrar em detalhes; você entende desse assunto e leu a proclamação. A recém-nascida cresceu, e bastante, dentro da tumba, e seus dentes se desenvolveram de maneira impressionante. Em poucas palavras:

virou uma estrige. É uma pena que você não tenha visto os cadáveres. Eu vi. Se você tivesse visto, certamente teria evitado entrar em Wyzim.

Geralt permaneceu calado.

– Então – continuou Velerad –, como lhe disse, Foltest convocou um monte de feiticeiros. Ficaram gritando, cada um mais alto que o outro, e faltou pouco para se agredirem com aqueles cajados com que andam por aí, decerto para afugentar os cachorros quando alguém os atíça contra eles. E estou convencido de que as pessoas costumam atíçá-los com frequência. Perdoe-me, Geralt, se você tem outra opinião dos feiticeiros. Levando em conta sua profissão, provavelmente tem, mas para mim eles não passam de boçais e aproveitadores. Vocês, bruxos, despertam mais confiança. Pelo menos, vocês são... como dizer?... mais concretos.

Geralt sorriu, mas não fez nenhum comentário.

– Mas voltemos ao assunto principal. – O estaroste olhou para dentro da caneca e despejou mais cerveja, na sua e na do riviano. – Algumas recomendações dos feiticeiros até que não pareciam tão estúpidas. Um deles sugeriu que a estrige fosse incendiada, com o sarcófago e o castelo; outro recomendou que lhe cortassem a cabeça com uma espada; os demais eram partidários de cravar estacas de bétula em várias partes de seu corpo, evidentemente durante o dia, quando, exausta pelas excursões noturnas, ela estivesse dormindo no caixão. No entanto, um velho eremita corcunda, com gorro pontudo no crânio totalmente calvo, afirmou que tudo não passava de um encanto fácil de desfazer e que a estrige voltaria a ser a filhinha de Foltest, linda como uma pintura. Para isso, bastaria passar uma noite na cripta. Então, imagine, Geralt, quão mentecapto ele era, o tal velhinho foi passar a noite no subsolo do castelo. Como você pode imaginar, não sobrou muito dele... aparentemente apenas o gorro e o cajado. Mas Foltest agarrou-se a essa ideia com unhas e dentes, proibiu qualquer tentativa de matar a estrige e atraiu para Wyzim charlatões e mais charlatões de todos os recantos do reino para que desfizessem o feitiço, transformando o monstro de volta numa princesinha. Aquilo, sim, era uma corja de pilantras! Umás velhotas encurvadas, uns capengas, todos sujos, sarnentos... davam pena. E aí

todos se puseram a fazer encantos, principalmente sobre pratos de comida e canecos de cerveja. É verdade que Foltest ou o Conselho de Anciões logo desmascararam vários deles, até penduraram alguns em ameias... mas poucos, muito poucos. Eu teria enforcado todos. Acho que não preciso acrescentar que a estrixe cada dia devorava mais e mais pessoas, sem dar a mínima para os encantamentos nem para o fato de Foltest não morar mais no castelo. Aliás, ninguém morava mais nele.

Velerad interrompeu seu relato. O bruxo permanecia calado.

– E isso continua assim, Geralt, faz mais de seis anos, porque aquilo nasceu há uns catorze. Nesse período, tivemos outras preocupações, pois travamos uma guerra com Vizimir de Novigrad, por motivos concretos e compreensíveis: deslocamento de marcos fronteiriços, e não histórias de filhas ou laços de parentesco. Foltest, diga-se de passagem, começa a falar em matrimônio e examina os retratos enviados dos reinos vizinhos, em vez de atirá-los na latrina, como antes. Apesar disso, volta e meia é tomado por um novo acesso e despacha cavaleiros à procura de outros feiticeiros. Prometeu uma recompensa de três mil ducados, com o que atraiu para cá todo tipo de destrambelhados, cavaleiros andantes e até um pastorzinho, um idiota conhecido em toda a região, que descanse em paz. Enquanto isso, a estrixe vai muito bem, obrigado. Só que de vez em quando come alguém. Dá para se acostumar. Quanto a esses heróis que tentam desenfeitiçá-la, temos a vantagem de a besta saciar a fome com eles e não precisa vagar fora dos muros do castelo. E Foltest tem um castelo novo, bem bonito.

– Durante todos esses anos... – Geralt ergueu a cabeça. – Em mais de seis anos ninguém conseguiu resolver o problema?

– Pois é, ninguém. – Velerad lançou um olhar penetrante ao bruxo. – Porque, ao que tudo indica, o problema é insolúvel e temos de nos conformar com isso. Estou me referindo a Foltest, nosso benévolo e amado senhor, que continua afixando essas proclamações em todas as encruzilhadas. No entanto, o número de voluntários vem diminuindo consideravelmente. Faz pouco tempo apareceu um, mas ele queria receber os três mil com antecedência. Diante disso, nós o enfiamos num saco e jogamos no lago.

– Não faltam trapaceiros.  
– Não, não faltam. Na verdade, há muitos – concordou o estaroste, sem tirar os olhos do bruxo. – Por isso, quando for ao castelo, não peça pagamento antecipado. Isto é, se você for realmente.

– Irei.

– Bem, é um assunto seu. Mas não se esqueça de meu conselho. E, já que estamos falando da recompensa, ultimamente têm circulado rumores sobre sua segunda parte, que cheguei a mencionar a você: a mão da princesa. Não sei quem inventou isso, porém, se a estrige tem a aparência que as pessoas andam dizendo, a piada é definitivamente de mau gosto. Mesmo assim, não faltaram idiotas que vieram a pleno galope ao castelo tão logo surgiu a notícia da oportunidade de entrar na família real. Dois aprendizes de sapateiros. Por que os sapateiros são tão estúpidos, Geralt?

– Não sei. E bruxos, senhor estaroste? Apareceram alguns?

– Como não. Vários. Quando eram informados de que a estrige deveria ser desfeitiçada e não morta, davam de ombros e iam embora. É em parte por isso que cresceu meu respeito pelos bruxos, Geralt. Houve um, mais jovem do que você, cujo nome não consigo lembrar, se é que ele se identificou... Este, bem que tentou.

– E...?

– Nossa vampiresca princesa espalhou suas tripas por uma área equivalente a meia distância percorrida por uma flecha disparada de um arco.

Geralt meneou a cabeça.

– E ele foi o único?

– Houve mais um...

Velerad interrompeu a frase, mas Geralt não o apressou.

– Sim – disse finalmente o estaroste. – Houve mais um. No começo, quando Foltest o ameaçou com a força caso matasse ou ferisse a estrige, ele soltou uma gargalhada e se preparou para partir. Só que, depois...

Velerad abaixou ainda mais a voz e, quase sussurrando, inclinou-se sobre a mesa.

– Depois, ele acabou aceitando a tarefa. Saiba, Geralt, que aqui em Wyzim temos homens de bem, alguns ocupando altos postos administrativos, a quem repugna essa história toda. Circula o boato de que esses homens tiveram um encontro secreto com o tal bruxo para convencê-lo a deixar os escrúpulos de lado e, em vez de tentar qualquer tipo de exorcismo, simplesmente matar a estrige, dizendo ao rei que os feitiços não funcionaram e que sua filhinha havia caído das escadas, ou seja, que ocorrera um acidente de trabalho. O rei, evidentemente, ficaria furioso, mas ele não pagaria um ducado sequer de recompensa. O pícaro bruxo respondeu que, se era para não receber, então eles mesmos deveriam enfrentar a estrige. E aí, o que podemos fazer?... Cotizamo-nos, pechinchamos... mas não deu em nada.

Geralt ergueu as sobrancelhas.

– Em nada, repito. O bruxo não quis fazer o trabalho logo na primeira noite. Ficou rondando o castelo, perambulando pelos arredores. Por fim, como dizem, viu a estrige, certamente em ação, pois a besta não sai da cripta apenas para esticar as pernas. Viu-a e sumiu na mesma noite. Nem se despediu.

Geralt contorceu os lábios numa expressão que provavelmente deveria ser um sorriso.

– E esses homens de bem – começou – devem ter guardado aquele dinheiro, não? Os bruxos não costumam cobrar adiantado.

– Claro – respondeu Velerad. – É lógico que guardaram.

– E aquele boato não fazia alusão à quantia envolvida?

Velerad exibiu um sorriso malandro.

– Uns dizem que era de oitocentos...

Geralt fez um movimento de negação com a cabeça.

– Já outros – murmurou o estaroste – falam de mil.

– O que não é muito, considerando que os boatos costumam exagerar em tudo. Afinal, o rei está oferecendo três mil.

– Não se esqueça da prometida – ironizou Velerad. – Mas de que estamos falando? É óbvio que você jamais receberá aqueles três mil.

– Por que é óbvio?

Velerad desferiu um soco no tampo da mesa.

– Geralt, não estrague a imagem que tenho dos bruxos. Isso está durando há mais de seis anos! A estrige acaba com meia centena de pessoas por ano; é verdade que ultimamente menos, porque todos se mantêm longe do castelo. Não, meu irmão, eu já vi muitos encantamentos e acredito, claro que só até certo ponto, em magos e bruxos. Mas a tal história de desenfeitiçamento não passa de uma bobagem que germinou na cabeça daquele velho corcunda, que endoidou de vez por causa da comida de eremitas; um disparate em que ninguém acredita. Ninguém, exceto Foltest. Não, Geralt! Adda deu à luz uma estrige por ter dormido com o próprio irmão. Essa é a verdade e não há nada que possa ajudar. Ela come pessoas como todas as estriges, e a única solução é matá-la, de maneira simples e normal. Escute: há cerca de dois anos um dragão andava devorando as ovelhas de uns brancos de algum buraco no cu do mundo, perto de Mahakam. Eles formaram um grupo e mataram o bicho a pauladas, nem sequer acharam que deveriam jactar-se do feito. Nós, aqui em Wyzim, aguardamos por um milagre e nos entrincheiramos em casa nas noites de lua cheia, ou amarramos criminosos a estacas diante do castelo, esperando que a besta se sacie com eles e retorne a sua tumba.

– Não deixa de ser um método prático – sorriu o bruxo. – E a criminalidade diminuiu?

– Nem um pouco.

– Como se chega ao novo castelo?

– Vou levá-lo pessoalmente até lá. E quanto à proposta dos homens de bem?

– Senhor estaroste – disse Geralt. – Para que se apressar? Existe a possibilidade de ocorrer um acidente durante meu trabalho, independentemente de minha intenção. Nesse caso, os homens de bem deveriam pensar em uma forma de me proteger da fúria do rei e preparar os mil e quinhentos ducados mencionados no boato.

– Eu falei em mil.

– Não, senhor Velerad – retrucou o bruxo, com determinação. – Aquele a quem vocês ofereceram mil ducados fugiu assim que viu a estrige e nem chegou a barganhar, o que significa que

o risco é superior a mil. Será superior a mil e quinhentos? Veremos. É claro que vou me despedir antes de ir embora.

Velerad coçou a cabeça.

– Que tal mil e duzentos?

– Não, senhor estaroste. O trabalho não é fácil. O rei oferece três mil, e eu tenho de dizer que às vezes desenfiteçar é mais fácil do que matar. Afinal, se matar a estrige fosse tão fácil, algum de meus predecessores o teria feito. Ou você acha que eles se deixaram matar só por medo do rei?

– Que seja, irmãozinho. – Velerad meneou sombriamente a cabeça. – Estamos combinados. Mas quando você estiver diante do rei, aconselho de todo o coração que não dê um pio sobre a possibilidade de um acidente de trabalho.

### III

Foltest era esbelto e tinha rosto bonito – bonito até demais. O bruxo avaliou que ele ainda não completara quarenta anos. Estava sentado numa cadeira de braços em forma de anão esculpido em madeira escura, com as pernas estendidas na direção de uma lareira junto da qual se aqueciam dois cães. Do lado dele, sentado sobre uma arca, encontrava-se um homem mais velho, barbado e de compleição robusta. Atrás do rei, de pé, havia mais uma pessoa, ricamente vestida e com feições orgulhosas. Um magnata.

– Um bruxo de Rívia – falou o rei, após um momento de silêncio que se seguiu ao discurso introdutório de Velerad.

– Sim, Majestade – anuiu Geralt, fazendo uma reverência.

– O que fez encanecer tanto seus cabelos? Excesso de feitiçarias? Posso ver que você não é velho. Tudo bem, tudo bem. Não precisa responder; estava brincando. Você tem experiência?

– Sim, Majestade.

– Pois me fale dela.

Geralt fez uma reverência ainda mais profunda.

– Vossa Majestade deve estar ciente de que nosso código de conduta não nos permite falar sobre o que fazemos.

– É um código muito conveniente, senhor bruxo; muito conveniente. Mas assim, sem entrar em detalhes, você já teve algo a ver com seres das trevas?

– Sim.

– E com vampiros e leshys?

– Sim.

Foltest hesitou por um momento.

– E com estriges?

Geralt ergueu a cabeça e fixou o rei diretamente nos olhos.

– Também.

Foltest desviou o olhar.

– Velerad! – chamou.

– Às ordens de Vossa Majestade.

– Você o pôs a par de todos os detalhes?

– Sim, Majestade. Ele afirma que a princesa pode ser desenfiteçada.

– Sei disso há muito tempo. De que modo, senhor bruxo? Ah, é verdade, já me esquecia... o tal código. Muito bem; apenas uma pequena advertência. Estiveram aqui vários bruxos. Velerad, você lhe contou? Ótimo. E foi por eles que eu soube que sua especialidade é mais a de matar do que desenfiteçar. Quero que saiba que isso está fora de cogitação. Se cair um só fio da cabeça de minha filha, a sua vai parar no cepo. Isso é tudo. Ostrit e o senhor, senhor Segelin, deverão ficar aqui e lhe dar todas as informações de que necessitar. É costume dos bruxos fazerem muitas perguntas. Deem comida a ele e o façam dormir no castelo. Não quero que fique vagando pelas tabernas.

O rei levantou-se, assoviou para os cães e encaminhou-se à saída, fazendo esvoaçar a palha que cobria o piso do aposento. Chegando à porta, virou-se e disse:

– Se você conseguir, bruxo, a recompensa será sua. Talvez eu até acrescente algo a ela, caso faça um bom trabalho. Obviamente, o boato sobre a possibilidade de se casar com a princesa não contém um pingote de verdade. Ou você acredita que eu daria a mão de minha filha ao primeiro vagabundo que passasse por aqui?

– Não, Majestade. Não acredito.

– Muito bem. Isso mostra que você é inteligente.

Foltest saiu, fechando a porta atrás de si. Velerad e o magnata, que até aquele momento tinham se mantido de pé, imediatamente sentaram-se à mesa. O estaroste sorveu o resto do vinho da taça real, olhou dentro do cântaro e soltou um palavrão. Ostrit, que ocupou o lugar do rei, ficou olhando para o bruxo com o cenho franzido, alisando com as mãos os braços esculpidos da cadeira. O barbudo Segelin fez um gesto para Geralt.

– Sente-se, senhor bruxo, sente-se. Já vão servir o jantar. Sobre o que o senhor queria conversar? Acho que o estaroste Velerad já lhe disse tudo o que poderia ser dito. Conheço-o bem; sei que, se ele pecou, foi mais por excesso do que por falta de detalhes.

– Tenho apenas algumas perguntas.

– Pois então as faça.

– O estaroste me contou que após o aparecimento da estrige o rei convocou muitos Versados.

– É verdade. Mas nunca use o termo “estrige”; fale sempre “princesa”. Dessa maneira, você diminuirá o risco de cometer esse erro na presença do rei... e o de todas as complicações daí resultantes.

– Entre os Versados havia alguns conhecidos? Famosos?

– Havia, tanto àquela altura como agora. Não me lembro dos nomes... E o senhor, Ostrit?

– Também não me lembro – respondeu este. – Mas sei que alguns deles desfrutavam de fama e reconhecimento. Falou-se muito sobre isso.

– E eles concordavam com a tese de que o feitiço poderia ser desfeito?

– Longe disso – sorriu Segelin. – Discordavam em tudo. Uns afirmavam que poderia ser desfeito; que seria algo relativamente simples, sem a necessidade de habilidades mágicas. Pelo que entendi, bastaria alguém passar uma noite, desde o pôr do sol até o terceiro canto do galo, no subsolo do castelo, junto do sarcófago.

– Efetivamente, algo muito simples – zombou Velerad.

– Gostaria de ouvir uma descrição da... princesa.

Velerad ergueu-se de um pulo.

– A princesa tem o aspecto de uma estrige! – gritou. – A mais estrigenta das estriges de que ouvi falar! Sua Alteza Real, a maldi-

ta filha bastarda do rei, mede quatro côvados, lembra uma barrica de cerveja, tem uma bocarra que vai de orelha a orelha e é cheia de dentes afiados como estiletos, olhos vermelhos e cabelos ruivos! Seus braços, tão compridos que chegam até o chão, são providos de garras como as de um lince! Espanta-me o fato de ainda não termos começado a enviar seu retrato às cortes vizinhas! A princesa, que a peste negra a sufoque, já tem catorze anos e está mais do que na hora de casá-la com um príncipe qualquer!

– Acalme-se, estaroste – pediu Ostrit, franzindo o cenho e olhando de esguelha para a porta.

Segelin esboçou um sorriso.

– A descrição – disse –, embora tão imagética, é suficientemente correta, e imagino que era isso que desejava o nobre bruxo, não? Velerad esqueceu de mencionar que a princesa se move com rapidez extraordinária e é muito mais forte do que sua altura e constituição física fazem supor. E o fato de ela ter catorze anos é uma verdade, se é que isso tem alguma importância.

– E tem – afirmou o bruxo. – Ela ataca somente nas noites de lua cheia?

– Sim – respondeu Segelin –, quando ataca fora do castelo antigo. Dentro dele muitas pessoas desapareceram independentemente das fases da lua. Mas ela só sai no plenilúnio, e assim mesmo não em todos.

– Teria havido pelo menos um só ataque durante o dia?

– Não. De dia, não.

– Ela sempre devora suas vítimas?

Velerad cuspiu vigorosamente na palha.

– Irra! E isso é pergunta que se faça logo que vão servir o jantar, Geralt?! – exclamou. – Ela os devora, crava-lhes os dentes, come apenas uma parte ou deixa-os inteiros, certamente dependendo de seu humor no momento. Arrancou a cabeça de um, estripou dois e em outros deixou apenas os ossos... filha da mãe!

– Tenha cuidado com o que fala, Velerad – repreendeu-o com severidade Ostrit. – Pode falar o que quiser sobre a estrige, mas não ofenda Adda em minha presença apenas porque não tem coragem de fazê-lo diante do rei!

– Houve alguém que sobreviveu ao ataque? – perguntou o bruxo, fingindo não ter percebido a explosão do magnata.

Segelin e Ostrit se entreolharam.

– Sim – respondeu o barbudo. – Logo no início, há uns seis anos, ela se atirou sobre dois soldados que estavam de guarda da cripta. Um deles conseguiu fugir.

– E mais tarde – acrescentou Velerad – houve o caso do moleiro que ela atacou fora dos muros da cidade. Estão lembrados?